

ARTIGO ORIGINAL

# Elaboração de plano de aula para o ensino de Libras como língua adicional: diretrizes para professores iniciantes

*Lesson plan development for teaching Libras as an additional language: guidelines for beginning teachers*

Patrícia Cristina de Frutos Ramirez<sup>1</sup> , Lídia da Silva<sup>2</sup> 

1 Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande, Universidade Federal do Pampa - [patri.defrutos@hotmail.com](mailto:patri.defrutos@hotmail.com)

2 Universidade Federal do Paraná - [lidiaufpr@gmail.com](mailto:lidiaufpr@gmail.com)

## Como citar o artigo.

RAMIREZ, P. C. F.; SILVA, L. Ensino de Libras como língua adicional: fundamentos metodológicos para a formação de professores. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 24, n. 1, AG3, 2025.

## Resumo:

Dada a ausência de formação continuada de professores de Libras e os desafios dos aprendizes falantes de português, este estudo busca preencher essa lacuna, apresentando diretrizes pedagógicas para planos de aula de Libras como língua adicional (LA). A primeira parte aborda o planejamento pedagógico no ensino de Libras (ZEICHNER, 1993; LIBÂNEO, 1994; Takahashi; FERNANDES, 2004; GIL, 2005), as principais abordagens metodológicas (Leffa, 1988; Gesser, 2010; SILVA, 2020) e o perfil do professor reflexivo (Kumaravadivelu, 2003). A segunda parte detalha componentes do plano de aula – tema, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação (ENRICONE *et al.*, 1985; LIBÂNEO, 1994; TAKAHASHI; FERNANDES, 2004; RICHARDS, 2006; PILETTI, 2010; VEIGA, 2023; SILVA, 2017) – e discute a abordagem intercultural e o ensino baseado em tarefas (SILVA, 2021; LOPES, 2022). A terceira parte analisa dois planos de aula, identificando variações na estruturação e propondo soluções metodológicas baseadas no ensino explícito e implícito (SILVA, 2021). A conclusão reforça que um plano de aula bem elaborado promove uma educação linguística de qualidade.

**Palavras-chave:** Libras. Língua Adicional. Ensino. Formação de Professores. Plano de aula. Disciplina Libras.

## Abstract:

Given the lack of ongoing professional development for Brazilian Sign Language (*Libras*) teachers and the challenges faced by Portuguese-speaking learners, this study seeks to address this gap by presenting pedagogical guidelines for lesson plans in Libras as an additional language (AL). The first part examines pedagogical planning in Libras instruction (ZEICHNER, 1993; LIBÂNEO, 1994; TAKAHASHI; FERNANDES, 2004; GIL, 2005), the main methodological approaches (LEFFA, 1988; GESSER, 2010; SILVA, 2020), and the profile of the reflective teacher (KUMARAVADIVELU, 2003). The second part details the components of a lesson plan – topic, objectives, content, methodology, resources, and assessment (ENRICONE *et al.*, 1985; LIBÂNEO, 1994; TAKAHASHI; FERNANDES, 2004; RICHARDS, 2006; PILETTI, 2010; VEIGA, 2023; SILVA, 2017).

Fonte de financiamento: Nenhuma.

Conflito de interesse: As autoras declaram não haver.

Recebido em: 04 novembro 2024. Revisões requeridas em: 27 março 2025. Aceito em: 30 abril 2025.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

– and discusses the intercultural approach and task-based teaching (Silva, 2020; Lopes, 2022). The third part analyzes two lesson plans, identifying variations in their structure and proposing methodological solutions based on explicit and implicit instruction (Silva, 2021). The conclusion emphasizes that a well-crafted lesson plan fosters high-quality linguistic education.

**Keywords:** Libras. Additional Language. Teaching. Teacher Training. Lesson Plan. Libras Subject.

## 1. ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA DE PROFESSORES INICIANTES

Os professores recém-formados no curso de Letras-Libras possuem uma compreensão clara sobre o estatuto linguístico dessa língua, uma vez que, ao longo da graduação, são expostos à sua complexidade gramatical, desmistificam mitos a seu respeito e realizam análises contrastivas, percebendo sua paridade com as línguas orais (Gesser, 2009). A diferença modal em relação à língua portuguesa também é amplamente discutida, e esses professores são bem-informados quanto à distinção entre a Libras, que opera por meio da modalidade visual-gestual, e o português, caracterizado pela modalidade oral-auditiva. Eles compreendem que essa distinção não se limita aos canais de comunicação, mas também se reflete nas estruturas gramaticais e nas experiências culturais que ambas as línguas representam. Além disso, compreendem que Libras, ao se apropriar da experiência visual das pessoas surdas, não se limita a ser um meio de comunicação, mas constitui um fundamento essencial para a identidade e cultura surda. Nas palavras de Perlin e Miranda (2003, p. 218): “Experiência visual significa a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”.

Além dos aspectos culturais, como apontam Perlin e Miranda (2003), os professores iniciantes também apresentam um domínio consistente da legislação pertinente à área, incluindo a Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, ambos marcos históricos fundamentais na luta pela valorização e inclusão da comunidade surda no Brasil e que estabelece que o ensino de Libras é obrigatório nos cursos de formação de professores e deve ser oferecido por professores formados em Letras-Libras.

No entanto, integrar esses conhecimentos à prática pedagógica representa um desafio significativo para tais professores iniciantes, visto que a formação inicial não contempla, de maneira aprofundada, como os conteúdos linguísticos e culturais, por exemplo, podem ser ensinados de forma eficaz aos aprendizes ouvintes. Dessa forma, esses docentes, muitas vezes, não encontram recursos didáticos adequados para transpor para a sala de aula os conteúdos linguísticos necessários para a construção de significados, limitando-se frequentemente ao ensino lexical. Prática que remonta aos anos 1990, quando não existiam profissionais formados e o ensino era ministrado por instrutores. Naquela época:

A metodologia de ensino utilizada consistia, na maioria das vezes, de uma lista de palavras em português. O instrutor geralmente apontava para a palavra escrita na lousa e ensinava o sinal correspondente. Ele normalmente tinha a sua própria lista e os alunos iam acrescentando novos vocábulos durante as aulas, através da datilologia ou da escrita em português. Algumas vezes, o instrutor não conhecia o vocábulo, e dizia não haver sinal correspondente à palavra em português; outras vezes, ele confundia aquele vocábulo desconhecido com algum outro de escrita semelhante, o que gerava certo desconforto quando o aprendiz utilizava o sinal aprendido em um contexto totalmente inadequado (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 28).

Lidar com essa defasagem torna-se ainda mais desafiador diante da escassez de oportunidades de formação continuada, e é por isso que Aguiar (2024) destaca a urgência da formação continuada para os professores de Libras. Segundo a autora, a formação continuada pode ocorrer de diversas maneiras, como a “pós-graduação de especialização (*lato sensu*) e mestrado e doutorado (*stricto sensu*)”, além da “participação em eventos de extensão” (AGUIAR, 2024, p. 129-130). Acreditamos que o acesso ao conhecimento produzido na área é

também uma forma de formação continuada, visto que o compartilhamento de experiências é essencial para preparar os docentes a enfrentar os desafios da sala de aula e promover uma educação linguística de qualidade.

Pensando nessa questão, o presente texto tem por objetivo apresentar diretrizes pedagógicas para elaboração de planos de aula no ensino de Libras como língua adicional (LA). Nesse contexto, assim como Leffa e Irala (2014, p. 33), entendemos que o termo língua adicional (LA) é mais inclusivo e abrangente do que a ideia de língua estrangeira (LE), ou segunda língua (L2):

O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam ser considerados nessa instância, se deseja conhecê-la para viajar, jogar, cantar ou obter um emprego melhor, como é o caso do termo “para fins específicos”, muito comumente associado ao ensino de línguas. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de “língua adicional”.

O termo “guarda-chuva” pressupõe que o aprendiz “aprende por acréscimo, além da(s) que ele já sabe [...]”, a língua que se vai estudar na escola pode não ser uma segunda língua ou uma língua estrangeira, mas será, mais adequadamente, uma língua que podemos chamar de “adicional” (LOPES, 2022, p. 32). Para que o ouvinte, falante de português, adquira Libras como LA, será necessário que ele desenvolva mudanças comportamentais significativas (LEFFA; IRALA, 2014), dado que se trata de uma língua cuja modalidade é distinta da sua, ou seja, será preciso que o aprendiz faça uso intenso de habilidades visuais e espaciais. Além disso, sabemos que a aprendizagem, de alguma forma, pode estar vinculada à qualidade do ensino.

Gesser (2010, p. 42) argumenta que o ensino é, simultaneamente, uma arte e uma ciência. Bernardino, Pereira e Passos (2018, p. 29) concordam e afirmam: “Algumas pessoas dizem que ensinar é uma arte. Para outros, é uma ciência. Essencialmente, ambos estão corretos. Ensinar é uma atividade que requer planejamento e exige do professor organização e criatividade.”

As autoras também asseguram que o professor precisa buscar melhores condições de ensino adequadas, de modo que o aprendizado ocorra da melhor forma e no menor tempo possível. Diante disso, este artigo busca, com base em fundamentos teóricos, apresentar diretrizes para a elaboração de planos de aula voltados ao ensino de Libras como LA, especialmente para professores iniciantes. Esperamos, assim, contribuir para a qualificação do ensino dessa língua em contextos de ensino superior.

## 2 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E O ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL

O planejamento pedagógico é uma prática fundamental no processo de ensino-aprendizagem, e é com base nele que se estrutura a organização do trabalho docente, a escolha de metodologias e a avaliação do processo de aprendizagem. Libâneo (1994) argumenta que o planejamento pedagógico deve ser uma prática reflexiva e contínua, em que o professor analisa e reavalia suas ações com o objetivo de aprimorar a qualidade do ensino e promover a aprendizagem significativa. De acordo com o autor, o planejamento não deve ser visto como uma ação estática, mas como um processo dinâmico e adaptável, que deve considerar as necessidades da turma e as condições do ambiente educacional.

Zeichner (1993) complementa essa visão ao destacar que o planejamento deve ser entendido como uma atividade de reflexão, por meio da qual o professor é convidado a questionar suas próprias práticas pedagógicas. Para Zeichner (1993), essa reflexão deve ocorrer de forma contínua, possibilitando que os professores se tornem autônomos e críticos, capazes de tomar decisões coerentes em relação ao seu ensino. Essa visão está alinhada com que Kumaravadivelu (2003) chama de professores praticantes reflexivos, ou seja, aquela que “não é um transmissor passivo do conhecimento adquirido” e planeja e avalia a efetividade

do ensino, refletindo sobre a lição antes e depois de sua aplicação (reflexão-na-ação)" (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 30).

Nesse processo de planejamento, o plano de aula se torna uma importante ferramenta para o professor iniciante, haja vista que é esse instrumento que organiza, de maneira estruturada, o percurso didático e sistematiza as etapas do processo de ensino-aprendizagem (Gil, 2005). De acordo com Takahashi e Fernandes (2004), o plano de aula deve contemplar uma estrutura básica que envolva as dimensões educacional, política, ética e social.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) orienta que o plano de aula deve priorizar experiências significativas e contextualizadas para os estudantes e recomenda que ele contemple uma estrutura flexível, permitindo adaptações conforme o andamento das aulas e as particularidades da turma.

Ao que parece o documento está alinhado com os "3p" do pós-método. Nessa pedagogia, entende-se que o ensino deve priorizar a *particularidade*, ou seja, as estratégias adotadas devem ser adequadas a contextos e públicos específicos; a *praticidade*, que tem a ver com gerar teoria a partir da prática, com reflexão e ação contínuas; e *possibilidade*, que é a capacidade do professor de se sensibilizar para contextos sociopolíticos e promover identidade e subjetividade (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018).

Assim, o plano de aula não é apenas uma ferramenta didática, mas um documento que expressa uma lógica pedagógica coerente com as concepções do professor. Ou seja, sua forma revela a visão que o professor tem sobre o processo de aquisição de uma LA e sobre a própria natureza da linguagem. Sua importância, portanto, reside no fato de que o plano de aula não é apenas um roteiro de ações, mas um meio de influência direta para a experiência de aprendizagem.

Por exemplo, se o professor for adepto à abordagem de gramática e tradução, em suas aulas, ele irá enfatizar a memorização do vocabulário e das regras gramaticais, pois considerará que esses elementos são essenciais para a tradução entre duas línguas, logo, para a aprendizagem de uma LA. Embora a memorização pura e simples seja amplamente criticada em diversas áreas do ensino, observa-se que muitos professores de Libras ainda adotam essa prática de maneira exclusiva. Compreendemos, assim como Aguiar (2024, p. 129), que essa falta de atualização metodológica pode ocorrer devido ao fato de "os professores de Libras terem tido pouco acesso às discussões teórico-metodológicas da área de ensino de segunda língua". Isso faz com que eles tendam a reproduzir em sala de aula as experiências que vivenciaram como estudantes.

Essa abordagem de ensino, centrada na memorização, vai de encontro a outras perspectivas, como a de Gesser (2010, p. 8), que afirma que aprender uma língua "significa saber interpretar e produzir mensagens dentro de situações e contextos particulares". Ademais, em uma abordagem em que a gramática normativa é o foco central das aulas, a tendência de se formar falantes de LA que não sejam sensíveis às variações linguísticas da comunidade surda é elevada. Da mesma forma, a ênfase na tradução pode levar à tentativa de transposição direta de termos entre as línguas, comprometendo o sentido da mensagem. Casos desse tipo são observados em plataformas de vídeos, como o *YouTube*, onde aprendizes iniciantes de Libras postam traduções de canções em português, muitas vezes mantendo a estrutura de uma língua oral-auditiva na língua-alvo, o que resulta em sinalizações marcadas pela negativa transferência da primeira língua do aprendiz.

Por outro lado, a abordagem comunicativa concebe a linguagem como uma ferramenta fundamental para a comunicação e interação social. Nesse contexto, os indivíduos participam ativamente na construção do discurso, buscando uma compreensão compartilhada que transcende a mera interpretação linguística. Fatores psicológicos, sociais e culturais exercem influência significativa na comunicação verbal, constituindo, assim, um contexto de significados durante as interações (Gesser, 2010)

Segundo Leffa (1988), o ensino comunicativo deve ser fundamentado em categorias semântico-gramaticais e em funções comunicativas. As categorias semântico-gramaticais são aquelas que expressam noções gerais de tempo, espaço e quantidade. As funções comunicativas refletem o propósito da utilização da língua, como perguntar, concordar ou

discordar, demonstrar surpresa ou gratidão, pedir desculpas, expressar aprovação, cumprimentar e despedir-se. A ênfase na aprendizagem não se concentra nas formas linguísticas, mas, sim, na comunicação. As formas linguísticas serão ensinadas somente quando necessárias para o desenvolvimento da competência comunicativa, podendo ter relevância variável em relação a outros aspectos do evento comunicativo.

[...] na abordagem comunicativa, *ensinar* uma língua é promover o desenvolvimento da competência comunicativa (e linguística) sempre partindo da promoção de vivências do uso real e significativo da língua alvo a partir da construção de novos significados *na* e através da interação com o outro (GESSER, 2010, p. 7, grifos do original).

A abordagem comunicativa propõe uma aprendizagem centrada no aprendiz, não apenas em termos de conteúdo, mas também nas técnicas empregadas em sala de aula. Nesse sentido, o professor deixa de ser visto como uma autoridade ou um mero transmissor de conhecimentos, assumindo a função de orientador. O aspecto afetivo é considerado uma variável importante, demandando que o professor demonstre sensibilidade em relação aos interesses dos aprendizes, incentive a participação e esteja aberto a sugestões. Nesse contexto, técnicas de trabalho em grupo são adotadas (RICHARDS, 2006). Assim, "aprender línguas significa saber interpretar e produzir mensagens dentro de situações e contextos particulares, incluindo a compreensão do aluno em saber também negociar significados entre e com seus interlocutores" (GESSER, 2010, p. 8).

Leffa (1988) ainda ressalta que, dentro dessa abordagem, o material utilizado para o ensino da língua deve ser autêntico, com diálogos que apresentem personagens em situações reais de uso da língua. Os textos escritos não devem se restringir a livros ou artigos de revistas, mas, sim, abarcar todas as formas de impressos. O uso de textos simplificados deve ser evitado, pois prejudica a autenticidade do material; deve-se simplificar a tarefa, se necessário, mas não a língua. Não há uma ordem de preferência na apresentação das quatro habilidades linguísticas, nem restrições significativas quanto ao uso da língua materna. Em geral, as quatro habilidades são apresentadas de maneira integrada, embora, dependendo dos objetivos, possa haver uma concentração em uma única habilidade. O desenvolvimento do vocabulário passivo é defendido, e o uso da língua materna é permitido, principalmente no início do curso ou quando se busca criar um contexto para o uso e aprendizagem da língua-alvo.

Essa forma conversacional de abordar a prática pedagógica é também utilizada no ensino de língua americana de sinais, e as aulas são centradas em temas de conversação autêntica para imersão, mesmo sem falantes nativos (Bernardino; Pereira; Passos, 2018). Essas considerações estão em consonância com as 10 macroestratégias que Kumaravadivelu (2003) sugere para o pós-método, as quais, *grosso modo*, dizem respeito a criar muitas oportunidades de usar a língua de verdade, evitar ruídos de comunicação, estimular diálogos reais, mostrar como o aprendiz pode estudar e monitorar o próprio progresso, chamar a atenção para algumas formas da língua, fornecer materiais diversos (textos, vídeos e exemplos) que o conduzam à percepção das regras, contextualizar o conteúdo com situações reais (notícias, músicas, situações cotidianas), integrar habilidades, conectar a aula com a realidade social e valorizar a cultura.

Por conta das atualizações expostas, entendemos que o conhecimento isolado de vocabulário, regras gramaticais ou a prática de traduções diretas não são suficientes para alcançar a fluência em Libras. Para nós, o domínio de uma língua envolve a capacidade de utilizar estratégias discursivas que possibilitem a comunicação em diversos contextos. Nesse sentido, acreditamos que a abordagem de gramática e tradução não se aplica adequadamente ao ensino de Libras como LA, pois sua utilização pode inibir o desenvolvimento da fluência dos aprendizes.

Voltando à questão da elaboração do plano de aula, destacamos que é necessário incluir a definição do tema da aula, os objetivos, os conteúdos, a metodologia, os recursos didáticos e as formas de avaliação, sendo que o professor deve refletir sobre o público-alvo de modo que



o plano seja relevante e adequado ao nível de conhecimento dos aprendizes, a fim de envolvê-los na interação (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004).

E em relação à elaboração de plano de aula para o ensino de Libras como LA, há ainda que se considerar a especificidade modal. Quer dizer, a aquisição da Libras como LA por ouvintes implica o desafio da modalidade linguística, haja vista que não lhes é comum perceber uma língua por meio da visão e articulá-la utilizando as mãos no espaço à frente do corpo. Esse desafio de lidar com a modalidade é o que cria dificuldades de produção e de recepção para o aprendiz ouvinte. Portanto, a aquisição de Libras como LA implica a aprendizagem de uma nova modalidade.

A dificuldade de recepção que os aprendizes podem enfrentar diz respeito ao uso que o sinalizante faz do espaço ao seu redor para representar pessoas, objetos, lugares, ações e ideias durante a comunicação em Libras. Silva (2020, p. 258-259) aponta que o uso do espaço é de “tremenda complexidade visual”, e que, portanto, precisa ser ensinado aos aprendizes ouvintes, e explica:

Sem isso, os sinalizantes de L2 podem produzir mensagens com sentido comprometido, uma vez que: essas estruturas são os recursos da linguagem que usamos para entender o significado subjacente da comunicação; eles são os andaimes em que sinais são pendurados para que possamos interpretar a mensagem de um sinalizante. Sem esses andaimes, nós vemos um fluxo de sinais que muitas vezes parecem não ter conexão, coesão, enfim, um significado coerente [...].

Uma outra questão específica no ensino de Libras como LA é seu uso direto em sala de aula. Leffa (1988) explica que a abordagem direta surgiu no início do século XVI, e seu princípio fundamental é o de que a LA deve ser aprendida por meio dela mesma. Assim, a língua materna nunca deve ser utilizada em sala de aula. Para transmitir o conteúdo, o professor deve recorrer a diversos recursos, como gestos e imagens, evitando, contudo, a tradução. O objetivo é fazer com que o aprendiz “pense na língua”.

Nessa abordagem, utiliza-se diálogos situacionais e temas relacionados ao cotidiano, além de exercícios voltados à integração das quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever), com ênfase na repetição. A abordagem direta tem sido amplamente aplicada no ensino de Libras, especialmente no que tange ao princípio de que a LA é aprendida por ela mesma. Segundo Silva (2020, p. 35), nas aulas de Libras não deve haver o uso de voz. Tal postura deriva de uma política consolidada no ensino de Libras, que estabelece um acordo com os aprendizes, para que “deixem suas vozes do lado de fora”. Embora a política de “não uso da voz” cause estranhamento inicial aos aprendizes ouvintes, ela deve ser mantida desde o princípio, pois respeita as “crenças linguísticas e culturais da comunidade surda que utiliza a língua de sinais” (SILVA, 2020, p. 35).

Essa política deve ser aplicada independentemente de o professor ser surdo ou ouvinte, uma vez que ambos representam a língua de sinais de forma completa e autêntica, proporcionando aos aprendizes uma experiência cultural rica. Silva (2021) esclarece que a adoção da política de não utilização da voz não implica a exclusão da língua materna do aprendiz, que pode estar presente na modalidade escrita.

A abordagem direta também propõe a integração das quatro habilidades, e nesse sentido, é importante destacar que o Quadro de Referência para o Ensino de Libras como L2 de Sousa *et al.* (2020) apresenta descritores para cinco atividades linguísticas que podem ser desenvolvidas pelos aprendizes: compreensão, leitura, interação, produção e escrita. A compreensão, interação e produção são habilidades desenvolvidas na modalidade falada/sinalizada da língua. Já as habilidades de leitura e escrita dependem de um sistema gráfico, como o *SignWriting* (SW), por exemplo.

No entanto, no Brasil, não há um sistema de escrita amplamente aceito e utilizado pela comunidade surda, o que faz com que os registros de Libras ocorram predominantemente por meio de vídeos que capturam a língua em uso. Nesse contexto, uma adaptação dessa abordagem seria a otimização dos diálogos situacionais e dos temas relacionados ao

cotidiano, bem como dos exercícios voltados à integração das habilidades de compreensão e expressão sinalizadas.

Em relação ao uso de vídeos, lembramos da abordagem audiolingual, a qual prioriza a oralidade em detrimento da leitura e da escrita. A proposta consiste em que o aprendiz siga um percurso similar ao da aquisição de sua língua materna: inicialmente ouvindo e falando, para, posteriormente, dedicar-se à leitura e à escrita. A forma preferencial de apresentação das produções orais ocorre por meio de diálogos, o que leva os docentes a utilizarem recursos audiovisuais, como gravações de falantes nativos (Leffa, 1988). No contexto da Libras como LA, é viável considerar uma abordagem “visuolingual”, na qual a percepção visual assume um papel central, uma vez que os recursos empregados consistem em suportes em vídeo, sem áudio. Essa abordagem é centrada na língua visual e caracteriza-se por um processo que demanda um esforço consciente do aprendiz:

O método audiolingual seria um dos que buscam proporcionar ao aprendiz o contato com estruturas linguísticas por meio de exercícios cujo foco é a forma. Itens do vocabulário e estruturas gramaticais, que são selecionados cuidadosamente, são classificados do mais simples ao mais complexo. A aprendizagem de uma língua é considerada linear e aditiva, ou seja, os aprendizes aprendem a linguagem de forma cumulativa, indo de estruturas mais simples às mais complexas (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 28).

Nos cursos de Libras, a utilização de vídeos é amplamente recomendada, especialmente para a definição dos temas e do conteúdo programático das aulas. Preferencialmente, o material em vídeo deve ser aquele que circula socialmente e que pode ser encontrado em plataformas como o *YouTube*. O docente precisa localizar o material “visuolingual” produzido por sinalizantes fluentes, sem legendas e/ou áudio, que possa ser exibido em velocidade reduzida, permitindo a repetição dos trechos a serem apresentados. Nessa abordagem, Leffa (1988) explica que os aprendizes são expostos à língua falada pelos nativos; assim, não se considera apenas o que é preconizado na gramática normativa, mas sim, o que é utilizado sistematicamente nas comunicações espontâneas do cotidiano. Esse princípio também pode ser aplicado ao ensino da Libras como LA, dado que os sinais apresentados em sala de aula são produzidos de forma diferenciada, conectando-se a um discurso mais espontâneo. Além disso, existem variações nos parâmetros fonológicos que, apesar de não comprometerem o sentido, podem confundir a compreensão de aprendizes de nível iniciante.

Dessa forma, o planejamento pedagógico no ensino de Libras como LA exige uma postura crítica e reflexiva por parte do professor, que deve considerar tanto os princípios teóricos da área quanto as especificidades linguísticas e culturais da Libras. A escolha metodológica impacta diretamente a forma como os aprendizes se apropriam da língua, sendo essencial superar práticas centradas apenas na memorização e tradução, adotando abordagens que valorizem a interação, o uso significativo da língua e o respeito à sua modalidade visual-espacial. O plano de aula, nesse contexto, torna-se um instrumento vital para garantir uma aprendizagem eficaz, coerente com as demandas da realidade sociolinguística dos aprendizes ouvintes e com os valores da comunidade surda. Para tanto, de acordo com o pós-método, o professor tem autonomia para gerar estratégias inovadoras adaptadas ao seu contexto e para isso faz auto-observação, autoanálise e autoavaliação, garantindo ajustes contínuos; também tem liberdade de ação mesmo diante de restrições institucionais e curriculares; e precisa reconhecer as influências históricas, políticas e socioculturais que moldam o ensino de LA.

### **3 ELABORAÇÃO DE PLANO DE AULA PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL: DIRETRIZES PARA PROFESSORES INICIANTEs**

Vamos iniciar a discussão do primeiro componente estruturante de um plano de aula: o *tema*. A escolha do tema da aula de Libras como LA deve privilegiar assuntos que promovam a interação significativa e a construção de sentido com base em contextos reais e autênticos (RICHARDS, 2006). Ao selecionar temáticas relacionadas ao universo da pessoa surda, à sua língua e à sua educação, o professor amplia as possibilidades de exploração linguística e

cultural, favorecendo o desenvolvimento de competências comunicativas. Tais temas permitem ao aprendiz não apenas ampliar seu repertório lexical e estrutural da Libras, mas também refletir criticamente sobre os aspectos socioculturais que atravessam a experiência da surdez (LOPES, 2022). Esse pressuposto é advindo da abordagem intercultural, que tem como princípio a indissociabilidade entre língua e cultura.

Conforme apontado por Lopes (2022), a abordagem intercultural propõe uma pedagogia dialógica, em que o professor atua como mediador entre as culturas, preparando o aprendiz para assumir um comportamento linguístico e cultural adequado. Ensinar Libras sob a ótica intercultural exige do professor a capacidade de articular os aspectos linguísticos e culturais da língua, levando o ouvinte a experienciar a cultura surda, seus valores, crenças e costumes. Para Lopes (2022), pensar o processo de ensino-aprendizagem de Libras para ouvintes é uma tarefa árdua. A autora destaca a necessidade de superar o modelo de ensino desarticulado, que leva a resultados insatisfatórios. O conceito de *cultura surda*, nesse contexto, se afasta de uma visão universalista e assume uma perspectiva particularista, que reconhece a singularidade da experiência visual dos surdos e sua forma de interagir com o mundo.

Aprender Libras, por essa abordagem, implica desenvolver uma competência comunicativa intercultural português-Libras que vai além do domínio das estruturas gramaticais e lexicais. A abordagem intercultural se contrapõe ao ensino fragmentado da Libras, ainda presente em muitos cursos e materiais didáticos. Como propõe Lopes (2022), é preciso repensar as práticas pedagógicas, incorporando os aspectos culturais da língua e promovendo um ensino que valorize a diversidade e o respeito à diferença. Assim, no contexto do ensino de Libras na graduação, entre outros, é possível organizar as aulas a partir de temas como (Quadro 1):

**Quadro 1.** Temáticas para as aulas de Libras como LA

Temáticas para as aulas de Libras como LA	
A construção social da surdez	
A visão clínica da surdez	
A visão socioantropológica da surdez	
Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda	
Aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos da Libras	
Escola bilíngue para surdos	
Inclusão de estudantes surdos na escola regular	

Fonte: elaboração própria.

Os temas exemplificados no Quadro 1 possibilitam não apenas a elaboração de aulas interativas, mas também a promoção do respeito e do reconhecimento da diferença surda. Tais temas apresentam potencial para desdobramentos em múltiplos encontros. Dessa forma, ao adotá-los como eixo estruturante de sua unidade didática semestral, o docente poderá destinar dois dias de aula, com carga horária de 4 horas cada, para o desenvolvimento de cada um dos temas selecionados.

Os *objetivos* que orientem a obtenção de resultados concretos são também importantes componentes do plano de aula, e estes devem ser descritos utilizando verbos no infinitivo, que expressem as ações a serem realizadas, evitando-se termos ambíguos. Os objetivos pedagógicos, tanto gerais quanto específicos, devem ser claramente definidos para orientar o processo didático, refletindo as intenções do professor (Veiga, 2023). A escolha dos verbos deve ser adequada ao tema da aula, com foco no desenvolvimento da competência comunicativa e linguística em Libras. Os objetivos gerais devem ser redigidos com verbos no infinitivo e também alinhados ao tema da aula. Nos objetivos específicos, é essencial priorizar as habilidades de compreensão e produção e prever o uso dos conteúdos relativos aos



vocabulários e a gramática. Para melhor compreensão, apresentamos o exemplo de objetivo geral e específicos definidos para uma aula de Libras cuja temática seja “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda” (Quadro 2):

**Quadro 2.** Objetivos para as aulas de Libras como LA

<b>OBJETIVO GERAL</b>	Conduzir os estudantes para comunicarem-se em Libras sobre o assunto “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”.
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Levar os aprendizes a produção e compreensão de palavras, frases e diálogos relativos ao tema “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”.</li> <li>2. Levar os aprendizes a produção e compreensão de aspectos gramaticais relativos ao tema “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”.</li> </ol>

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 2 exemplifica o alinhamento entre os objetivos da aula, o tema proposto e as competências que se pretende desenvolver. Dessa forma, os objetivos não apenas orientam a seleção dos conteúdos e das estratégias metodológicas, como também possibilitam a avaliação dos avanços dos aprendizes ao longo do processo. O objetivo geral indica que o encaminhamento metodológico será interativo, o que permite sua replicação em dois encontros voltados à respectiva temática. Já o segundo objetivo específico, por sua vez, pode orientar a delimitação dos aspectos gramaticais a serem abordados em cada uma das aulas.

Em seguida à definição dos objetivos, Takahashi e Fernandes (2004) orientam o desenvolvimento dos *conteúdos*. Em relação aos conteúdos das aulas de Libras como LA, destacamos que sua definição deve ocorrer após a seleção de um vídeo de referência. A partir das saliências linguísticas identificadas no material selecionado, o professor poderá organizar os conteúdos que serão trabalhados com os aprendizes ao longo de um dado período. Como exemplo, podemos citar um vídeo disponível no canal do *YouTube* da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), do professor André Xavier<sup>1</sup>. Por meio desse vídeo podemos extrair vários conteúdos, entre os quais os elencados no Quadro 3:

**Quadro 3.** Conteúdos para as aulas de Libras como LA

- Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda
- Negação em Libras
- Expressão facial como marcador gramatical
- Uso de pontos de referência no espaço (espaço *token*)
- Compreensão e produção de frases em Libras a partir de vídeos
- Produção de narrativas visuais simples.

Fonte: elaboração própria.

A diversidade de conteúdos extraídos do vídeo evidencia a riqueza de possibilidades didáticas que esse tipo de material pode oferecer. Contudo, é importante frisar que tais conteúdos não devem ser abordados todos em um único encontro. Cabe ao professor realizar uma curadoria criteriosa, selecionando os aspectos mais relevantes de acordo com os objetivos de aprendizagem definidos para cada aula. Dessa forma, os conteúdos podem ser distribuídos ao longo de um período, respeitando a complexidade dos temas e o processo gradativo de aquisição da Libras como LA para aprendizes ouvintes.

Depois disso, o plano precisa expor os *procedimentos metodológicos*, e para tanto, deve delinear um mapeamento preliminar do conteúdo, introduzir a temática e apresentar os

<sup>1</sup> O vídeo em questão pode ser acessado por meio do seguinte link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=laevyLTcxHU>.

objetivos, para então proceder à explicação inicial, abordando conceitos fundamentais, exemplos e técnicas específicas. Após isso, deve-se desenvolver o conteúdo da aula, promovendo tanto o aprofundamento teórico quanto prático, relacionando-o com a realidade dos aprendizes, e encerrando com um resumo dos principais conceitos discutidos ao longo da aula (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004). A metodologia ou procedimentos metodológicos deve estar devidamente alinhada aos objetivos e conteúdos (Libâneo, 1994). No caso de o plano partir do vídeo de referência mencionado anteriormente, podem ser seguidas as etapas expostas no Quadro 4:

**Quadro 4.** Procedimentos metodológicos do plano de aula cuja temática é “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”

Etapas	Procedimentos metodológicos para as aulas de Libras como LA
<b>Introdução (40 minutos)</b>	A turma deverá ser dividida em grupos e escrever nas cartolinas o que sabem ou acham que sabem sobre o “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”. Após, um representante de cada grupo apresenta suas ideias para que todos comentem os pontos e façam observações. Após, os objetivos da aula serão expostos à turma.
<b>Explicação inicial do tema (60 minutos)</b>	Por meio do uso de <i>slides</i> , os itens extraídos do vídeo serão expostos em Libras. O professor fará anotações no quadro branco, principalmente para esclarecer dúvidas a respeito do significado de algum sinal.  Apresentar uma lista de frases afirmativas (escritas em português) e pedir que os aprendizes as transformem em negativas. Eles devem fazer isso não apenas com os sinais manuais, mas também ajustando a expressão facial para denotar negação. Após esse treino inicial e recebendo <i>feedback</i> do professor, os alunos vão criar diálogos simples em pares, para que um faça uma afirmação e o outro responda com uma negação. Após isso, os estudantes vão receber frases em Libras, e cada um deverá assitir em seu celular e tentar reproduzi-las. Após, precisam alterar a expressão facial para mudar o significado, ou seja, transformar afirmativas em negativas e vice-versa. Na sequência, os aprendizes vão receber uma lista de frases para que sinalizem em duplas. Essas frases contêm comparação de dois elementos e precisam ser sinalizadas mediante apontamento para os pontos espaciais definidos.
<b>Desenvolvimento da aula (100 minutos)</b>	
<b>Síntese (40 minutos)</b>	Com base nos conceitos e práticas trabalhadas na aula, os alunos vão elaborar uma breve narrativa. A sinalização deverá ser gravada com seus próprios celulares e enviadas ao professor.

Fonte: elaboração própria

A partir do delineamento dos procedimentos metodológicos descritos acima, observa-se uma articulação consistente entre os objetivos pedagógicos, os conteúdos extraídos do vídeo de referência e as estratégias didáticas propostas. A proposta de aula valoriza o engajamento ativo dos aprendizes desde o início, com uma atividade de levantamento de ideias que visa mobilizar conhecimentos prévios sobre as diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda – conteúdo que se desdobra, ao longo da aula, em reflexões sobre bilinguismo, identidade surda e aspectos socioculturais relevantes. Na etapa expositiva, os conteúdos são apresentados por meio da Libras, com apoio de *slides*, abordando temas, como a ordem sintática da Libras, a negação, o uso de expressões faciais e a definição de pontos referenciais. Essa exposição inicial se apoia em elementos autênticos do vídeo selecionado, favorecendo uma aprendizagem contextualizada.

Durante o desenvolvimento da aula, os conteúdos gramaticais são trabalhados de forma prática e interativa. Primeiramente, os aprendizes exploram a estrutura da negação em Libras, aplicando-a em exercícios de transformação de frases e uso intencional da expressão facial. Em seguida, práticas em duplas possibilitam a construção de diálogos, nos quais os

aprendizes usam os recursos linguísticos estudados para afirmar e negar informações. A etapa seguinte amplia o trabalho com vídeos-modelo, nos quais os aprendizes são convidados a observar, reproduzir e manipular as estruturas gramaticais apresentadas, especialmente no que diz respeito às negações e à modulação da expressão facial. Por fim, o uso dos pontos referenciais é exercitado por meio de frases comparativas, promovendo o domínio do espaço como recurso gramatical.

A etapa de síntese propõe a produção de uma narrativa em Libras, permitindo que os aprendizes mobilizem os conteúdos linguísticos e culturais trabalhados na aula de forma integrada e criativa. Essa produção, registrada em vídeo, reforça o protagonismo do aprendiz, ao mesmo tempo que oferece ao professor subsídios para avaliar o desempenho individual e coletivo da turma.

Esses mesmos conteúdos podem também ser trabalhos com outros procedimentos metodológicos, como, por exemplo, o Ensino Baseado em Tarefas (EBT). Segundo Silva (2021), o EBT tem como principal objetivo enfatizar a comunicação e o uso da língua em contextos autênticos. Essa abordagem prioriza o processo de aprendizagem em detrimento do resultado final da instrução. Ou seja, o foco reside em como os aprendizes mobilizam seus conhecimentos para alcançar um objetivo comunicativo, e não apenas nas habilidades linguísticas adquiridas ao final do processo.

Em conformidade com Ellis (2006), Silva (2020) explica que procedimentos metodológicos que se alinhem ao EBT devem garantir um nível de dificuldade adequado à tarefa, ou seja, as tarefas devem desafiar os aprendizes sem serem frustrantes, considerando seu nível de proficiência na LA. Diz também que a interação em Libras é o objetivo principal da aula e que o professor deve fornecer orientações claras para a execução da tarefa. Além disso, o professor precisa assegurar a participação ativa dos alunos e incentivar a experimentação e a tomada de riscos, quer dizer, eles devem se sentir confortáveis para usar a LA, mesmo cometendo erros. Por fim, a autora explica que o significado deve ser priorizado em detrimento da forma e que também precisa haver momentos para focar na forma.

O uso de insumo autêntico, como vídeos de sinalizantes nativos, é fundamental para expor os aprendizes à Libras em sua forma natural e promover a motivação. O insumo ou material autêntico, segundo o Silva (2021, p. 261), “é aquele material que têm circulação social e que apresenta a língua como ela é usada no mundo real. Diferem, portanto, de produções elaboradas superficialmente, para fins exclusivos de uso didático”.

Outros fatores importantes do EBT são as fases pré-tarefa e pós-tarefa, essenciais para o seu sucesso. Na pré-tarefa, atividades como a exposição a modelos de uso da língua, o planejamento da tarefa e a discussão de temas relacionados preparam os aprendizes para a tarefa principal. Já na pós-tarefa, atividades como autoavaliação, revisão das produções e reflexões sobre os desafios e aprendizados consolidam o conhecimento e promovem a autonomia dos aprendizes. Para fins de ilustração, seguem tarefas (Quadro 5) que trabalham os conteúdos referidos no Quadro 3:

**Quadro 5.** Procedimentos metodológicos do plano de aula cuja temática é “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”.

**Objetivo comunicativo:** Compreender e produzir enunciados simples em Libras com foco em negação, uso de expressão facial como marcador gramatical, pontos referenciais no espaço e diferenças culturais da comunidade surda, a partir de vídeos autênticos.

#### 1. PRÉ-TAREFA (30 A 40 MINUTOS)

**Objetivo:** Preparar os alunos para a tarefa, promovendo a compreensão de insumos autênticos e o planejamento da produção.

- a) Assista com atenção a um vídeo curto de um sinalizante surdo contando uma pequena história em Libras.

- Em grupo, identifiquem e anotem: i) as expressões faciais que indicam negação; ii) O uso de pontos de referência no espaço para representar personagens ou ideias opostas; iii) os elementos que mostrem diferenças culturais e linguísticas da comunidade surda.
- Após a análise, escolham um representante do grupo para apresentar as observações à turma, respondendo às seguintes perguntas: i) quais diferenças culturais e linguísticas apareceram no vídeo?; ii) Como a Libras utilizou o espaço para representar personagens ou ideias opostas?

## 2. TAREFA (60 A 80 MINUTOS)

**Objetivo:** Realizar uma tarefa de produção em Libras de maneira colaborativa, com foco em comunicação significativa.

- a) Formem duplas e recebam as cartas com frases afirmativas curtas em português.
- b) Um aluno deve sinalizar a frase afirmativa em Libras e o outro deve responder negando a frase, utilizando sinais apropriados e expressão facial correspondente à negação.
- c) Transformem as frases em micronarrativas visuais, com dois personagens (um que afirma e outro que nega). Usem o espaço para definir pontos de referência que representem os personagens.
- d) Gravem a narrativa criada com o celular do grupo. Enquanto vocês realizam a atividade, a professora circulará entre os grupos para oferecer *feedback* individual e incentivar o uso criativo da Libras.

## 3. PÓS-TAREFA (30 A 40 MINUTOS)

**Objetivo:** Refletir sobre o desempenho, revisar aspectos formais e consolidar o aprendizado.

- a) Assista a algumas das gravações feitas pelos colegas.
- b) Participe da discussão coletiva:
  - O que foi mais fácil ou mais difícil durante a tarefa?
  - Como foi a experiência de usar os pontos de referência no espaço?
  - Você conseguiu expressar a negação de forma clara, com sinais e expressão facial?
- c) Participe da revisão coletiva:
  - Relembrando sinais de negação.
  - Observando marcadores não manuais.
  - Identificando estratégias visuais de contraste.
- d) Complete uma autoavaliação individual, que pode ser escrita ou sinalizada, respondendo às perguntas:
  - “Conseguir usar a expressão facial corretamente?”
  - “Interagi com meu colega em Libras com confiança?”
  - “Quais conteúdos ainda preciso praticar mais?”

Fonte: elaboração própria

Dando continuidade ao estudo dos elementos estruturantes do plano de aula, destacamos que Takahashi e Fernandes (2004) apontam a importância de indicar os *recursos didáticos*. Os recursos didáticos, conforme Silva (2017), são os meios utilizados pelo docente para criar condições que favoreçam as aprendizagens. Para o caso da nossa ilustração de trabalho com o tema “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”, os recursos didáticos seriam os elencados no Quadro 6:

**Quadro 6.** Recursos didáticos do plano de aula cuja temática é “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”

Recursos didáticos para as aulas de Libras como LA
Cartolinas
Canetas coloridas
Quadro branco
Projetor
Computador e com aplicativo para apresentação de slides
Vídeo
Papéis com frases
Celulares

Fonte: elaboração própria

O uso dos recursos didáticos descritos (Quadro 6) está diretamente alinhado à proposta metodológica da aula, contribuindo para a criação de um ambiente de aprendizagem visualmente estimulante – características essenciais no ensino de Libras como LA. As cartolinas e canetas coloridas favorecem a expressão de ideias de forma criativa durante a ativação dos conhecimentos prévios, promovendo o trabalho em grupo e a troca de saberes. O quadro branco, aliado ao projetor e ao computador com *slides*, garante suporte visual e explicativo durante a exposição teórica, enquanto o vídeo de referência proporciona o contato direto com a língua sinalizada em uso autêntico. Já os papéis com frases funcionam como ponto de partida para exercícios de estruturação linguística e prática de uso de negação, explorando aspectos formais e expressivos da Libras. Por fim, o uso de celulares para assistir, gravar e enviar vídeos amplia a autonomia dos aprendizes, possibilitando o registro das produções sinalizadas. Dessa forma, os recursos selecionados não apenas facilitam a mediação do conteúdo, mas também tornam a experiência pedagógica mais significativa e coerente com os objetivos propostos.

Por fim, o plano deve prever a forma de *avaliação*, a qual pode assumir diferentes modalidades: *diagnóstica* (levantamento de necessidades), *formativa* (acompanhamento contínuo) e *somativa* (verificação dos resultados finais). A avaliação, quando utilizada para finalizar a aula, pode ocorrer conforme ilustrado no Quadro 7:

**Quadro 7.** Avaliação do plano de aula cuja temática é “Diferenças linguísticas e culturais da comunidade surda”

Avaliação para as aulas de Libras como LA	Pontos
Participação na aula.	20
Entrega do vídeo com a narrativa sinalizada contendo uso adequado de vocabulários.	40
Entrega do vídeo sinalizado com a narrativa contendo apresentação do uso adequado dos aspectos gramaticais da Libras: negação, uso do espaço, expressões faciais.	40

Fonte: elaboração própria

A proposta de avaliação apresentada nesse quadro contempla uma abordagem equilibrada entre os aspectos qualitativos e quantitativos do processo de aprendizagem, reconhecendo a importância da participação ativa dos aprendizes, bem como da produção prática em Libras. Ao valorizar tanto o uso adequado do vocabulário quanto a aplicação dos aspectos gramaticais – como negação, uso do espaço e expressões faciais –, a avaliação final se torna coerente com os conteúdos e objetivos trabalhados em aula. Além disso, o registro em vídeo permite uma análise mais precisa da performance linguística de cada aprendiz.

Assim, a avaliação não apenas verifica resultados, mas também promove o desenvolvimento contínuo das competências comunicativas em Libras, reafirmando seu papel formativo no ensino de uma língua visual-espacial.

Esses aspectos, quando observados, desempenham um papel crucial na qualificação da aula de Libras como LA, já que facilitam o acompanhamento contínuo e possibilita a avaliação sistemática do processo pedagógico (ENRICONE *et al.*, 1985; PILETTI, 2010; SILVA, 2017).

De acordo com Enricone *et al.* (1985), a sistematização dessas ações também previne a repetição de rotinas pedagógicas ou o uso excessivo de improvisações, garantindo uma abordagem mais planejada e consistente, voltada para o alcance dos objetivos previamente estabelecidos. Para finalizar apresentamos o Quadro 8 sinóptico, a seguir, de modo que funcione como um guia prático aos professores iniciantes:

**Quadro 8.** Diretrizes para elaboração de plano de aulas para ensino de Libras com LA

Elemento	O que é?	Como o professor iniciante pode fazer?
Tema da aula	Eixo temático que articula os conteúdos linguísticos e culturais da Libras. Parte de um contexto real, significativo e com relevância social para a comunidade surda.	Escolha temas que promovam reflexão crítica e contato com a cultura surda. Esses temas possibilitam a articulação de vocabulário, gramática e práticas comunicativas contextualizadas. Evite escolher temas genéricos como “animais”, “cores” ou “profissões” de forma isolada e descontextualizada. Use-os dentro de temas maiores, com um propósito comunicativo e cultural claro. O tema não é o conteúdo em si, mas o cenário que justifica o conteúdo e o torna significativo.
Objetivos de aprendizagem	O que os alunos devem ser capazes de fazer ao final da aula.	Defina o objetivo geral como aquilo que os alunos devem alcançar ao final da aula, usando verbos no infinitivo, claros e observáveis. Os objetivos específicos devem detalhar as etapas para se atingir o objetivo geral, privilegiando ações de compreensão e produção em Libras. Evite verbos genéricos como “aprender” ou “conhecer”. Prefira verbos como: <i>compreender, produzir, identificar, reconhecer, utilizar, diferenciar, descrever</i> . Garanta a coerência entre tema, objetivos e conteúdos. Os objetivos também guiam a avaliação: devem ser mensuráveis em alguma forma prática.
Conteúdos	Os tópicos e conceitos que serão ensinados. Os aspectos linguísticos da Libras que são extraídos de uma sinalização que circula socialmente (vídeo) e que serão ministrados na aula.	Liste os sinais, estruturas gramaticais ou temas culturais que serão abordados. Seja específico e evite colocar muitos conteúdos numa única aula. Os conteúdos devem ser condizentes com os objetivos de aprendizagem e distribuídos ao longo das aulas, respeitando o nível dos alunos e a complexidade de cada item. Evite sobrecarga de conteúdos em um único encontro. Priorize a progressão gradativa e a articulação entre compreensão e produção.
Metodologia	Estratégias de ensino utilizadas pelo professor para alcançar os objetivos pedagógicos, garantindo que o conteúdo seja efetivamente aprendido. A metodologia pode ser baseada na interação, prática, e no uso autêntico da língua, seguindo, por exemplo, a interculturalidade ou EBT.	Uma possibilidade para o professor iniciante é começar delimitando o conteúdo com base em um vídeo de referência e, em seguida, apresentar claramente o tema e os objetivos da aula. A explicação teórica deve ser feita com exemplos práticos, seguidos de atividades que promovam a compreensão e produção da Libras, como transformações de frases e diálogos. A metodologia deve incluir atividades diversas, como vídeos, jogos, dramatizações e rodas de conversa, priorizando o uso da Libras. Ao final, o professor faz um resumo dos conceitos trabalhados e abre espaço para dúvidas, estimulando a reflexão e a prática contínua da língua.



Recursos didáticos	Ferramentas e materiais que serão usados na aula. Priorize recursos visuais.	Escolha recursos visuais e interativos: vídeos em Libras, imagens, objetos reais, <i>slides</i> com poucas palavras e muitos sinais, aplicativos, quadro branco. Adapte ao espaço e tempo disponíveis.
Avaliação	Como verificar se os alunos aprenderam. Devem estar alinhados aos objetivos.	Proponha atividades que permitam observar o uso dos sinais: pequenas apresentações, respostas em Libras, produção de vídeos, dramatizações. A avaliação pode ser contínua e qualitativa.

Fonte: elaboração própria

#### 4 ANÁLISE COMPARATIVA DE PLANOS DE AULA NO ENSINO DE LIBRAS COMO LA

Para fins de comparação, apresentamos e analisamos dois planos de aula elaborados para o ensino de Libras como LA. De início, o Quadro 9 apresenta o primeiro plano que está estruturado para aula cuja temática é “Inclusão de estudantes surdos na escola regular”.

**Quadro 9.** Plano de aula para o ensino de Libras como LA na graduação – Tema “Inclusão de estudantes surdos na escola regular”

<p><b>Disciplina:</b> Libras</p> <p><b>Público-alvo:</b> Estudantes ouvintes da graduação</p> <p><b>Carga horária:</b> 4 horas</p> <p><b>Modalidade:</b> Presencial</p> <p><b>Tema:</b> Inclusão de estudantes surdos na escola regular</p> <p><b>Objetivo geral:</b></p> <p>Promover a reflexão sobre a inclusão de estudantes surdos na escola regular, destacando os desafios enfrentados, as possibilidades de acessibilidade linguística e o papel da Libras nesse contexto.</p> <p><b>Objetivos específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o repertório linguístico dos aprendizes em Libras, focando no vocabulário escolar e em expressões ligadas à inclusão e acessibilidade.</li> <li>• Desenvolver a capacidade de produção de narrativas em Libras a partir de experiências simuladas.</li> </ul> <p><b>Conteúdos:</b></p> <p>Durante a aula, os seguintes conteúdos serão abordados:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vocabulário em Libras relacionado ao ambiente escolar (disciplinas, profissionais da escola, materiais, espaços);</li> <li>• Conceitos de inclusão, acessibilidade, barreiras linguísticas e atitudinais;</li> <li>• Elementos culturais da escolarização de pessoas surdas no Brasil;</li> <li>• Uso do espaço, expressões faciais e localização de elementos na sinalização de contextos escolares.</li> </ul> <p><b>Metodologia:</b></p> <p>A aula terá início com uma dinâmica em pequenos grupos, na qual os alunos responderão à pergunta: “Como você imagina o cotidiano de um aluno surdo em uma escola comum?”. As respostas serão registradas em cartolinas e apresentadas à turma. A atividade busca mobilizar conhecimentos prévios e abrir espaço para a escuta e o diálogo. Após, um vídeo com a sinalização de uma pessoa surda dando depoimento de sua experiência na escola inclusiva será exposto para debate. Em seguida, será feita uma exposição dialogada, com o uso de <i>slides</i> visuais e sinalização em Libras, abordando temas como a trajetória histórica da educação de surdos no Brasil, os principais marcos legais (Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005) e a importância do bilinguismo na escola. A professora poderá utilizar o quadro branco para registrar conceitos e vocabulários, sempre que necessário. Na sequência, os alunos participarão de uma atividade prática de fixação de vocabulário, utilizando cartões com imagens e sinais. Em duplas, deverão construir frases simples e apresentá-las à turma, usando o vocabulário trabalhado. Após essa etapa, os estudantes formarão grupos para criar e encenar uma situação simulada de inclusão escolar, como uma reunião de pais, uma aula com intérprete ou uma atividade de recreação. Cada grupo deverá pensar nos papéis dos participantes, nas dificuldades de comunicação e nas estratégias inclusivas. As apresentações serão feitas em Libras e, após cada dramatização, haverá espaço para comentários e <i>feedback</i>. A última etapa da aula será dedicada à</p>
--

produção individual. Cada aluno gravará um vídeo curto, sinalizado em Libras, com uma reflexão pessoal sobre a importância da acessibilidade linguística nas escolas e o papel da Libras nesse processo. Os vídeos serão enviados para avaliação posterior.

**Recursos didáticos:**

Para a realização da aula, serão utilizados os seguintes materiais: cartolinas e marcadores coloridos; slides com apoio visual e sinalização em Libras; quadro branco e canetas; cartões com imagens e sinais; câmeras ou celulares para gravação dos vídeos e vídeos curtos com depoimentos de pessoas surdas sobre sua experiência escolar.

**Avaliação:**

A avaliação será realizada de forma contínua e considerará a participação nas atividades em grupo, o uso adequado do vocabulário e da gramática da Libras durante as apresentações, bem como a qualidade do vídeo final. A reflexão crítica apresentada nos vídeos será um dos principais elementos avaliativos, pois evidencia o envolvimento do estudante com o tema e sua capacidade de articulação linguística e cultural.

*Fonte: elaboração própria*

O plano de aula com o tema “Inclusão de estudantes surdos na escola regular” apresenta uma proposta bem estruturada e coerente com os fundamentos do planejamento pedagógico como prática reflexiva e contínua (LIBÂNEO, 1994; GIL, 2005). Os objetivos estão claramente definidos com verbos no infinitivo, organizados em níveis gerais e específicos, e focam no desenvolvimento da competência comunicativa em Libras. A metodologia propõe atividades interativas e contextualizadas que assumem a língua como prática social (Richards, 2006), com destaque para o uso de material autêntico (vídeo em Libras). A valorização da cultura surda, a problematização de questões identitárias e a abordagem ética e política da surdez contribuem para uma formação bilíngue alinhada à perspectiva intercultural (LOPES, 2022). A avaliação, de natureza formativa, contempla tanto o desempenho linguístico quanto o envolvimento dos aprendizes, com destaque para a produção de narrativas sinalizadas como produto final.

Feita a apresentação desse plano, no Quadro 10, exemplificamos uma estruturação de aula de Libras com a temática “Visão socioantropológica da surdez”.

**Quadro 10.** Plano de aulas para o ensino de Libras como LA na graduação – Tema “Visão socioantropológica da surdez”

**Tema:** Visão socioantropológica da surdez

**Curso:** Licenciatura

**Duração:** Três encontros de 2h cada

**Professora:** A definir

**Objetivo Geral:**

- A importância de compreender a visão socioantropológica da surdez.
- A valorização das pessoas surdas no contexto diferente da visão clínica.
- A necessidade de pensar reformulação conceitual sobre pessoas surdas.

**Objetivos Específicos:**

- Reconhecer os principais marcos da história dos surdos no Brasil e no mundo.
- Aprender sobre o conceito de surdez, tanto na visão clínica quanto na socioantropológica.
- Discutir os vocabulários relativos à visão socioantropológica e a estrutura linguística necessária para formular sinalização.

**Conteúdos:**

- Cultura e sociedade.
- Diferença e identidade.
- Inclusão no contexto educacional contemporâneo.
- Vocabulários da Libras.

**Metodologia:**

A metodologia adotada será centrada em abordagens participativas e reflexivas, estimulando o protagonismo estudantil e a construção coletiva de saberes. Iniciaremos com uma breve explanação

dialogada sobre conceitos de cultura e identidade, seguida da exibição de trechos de documentários relacionados à diversidade e às dinâmicas sociais contemporâneas. Os sinais serão ensinados durante a explanação que ocorrerá em língua oral. Em seguida, será promovido um seminário temático em grupos, no qual os alunos deverão escolher um subtema ligado à diferença cultural e produzir uma apresentação oral com base em textos selecionados pela professora. As apresentações serão seguidas de debates mediados, incentivando o pensamento crítico e a escuta ativa. Após, os alunos vão gravar um vídeo com registro em Libras das palavras que apareceram no seminário.

**Recursos:** projetor multimídia, textos impressos e quadro branco e pincéis.

**Avaliação:**

Prova escrita dissertativa sobre a visão socioantropológica da surdez.

*Fonte: elaboração própria*

O plano de aula intitulado “Visão socioantropológica da surdez” apresenta fragilidades significativas. A carga horária (6h) é insuficiente para a complexidade do tema, o que compromete a profundidade da abordagem e pode levar a um tratamento superficial. Os objetivos gerais não estão formulados com verbos no infinitivo, enquanto os objetivos específicos são excessivamente amplos. Os conteúdos estão descritos de maneira genérica e ambígua, especialmente no item “Vocabulários da Libras”, que não especifica o recorte temático. A metodologia apresenta lacunas, com atividades parcialmente desconectadas do tema e uma sequência didática pouco articulada. Os recursos didáticos não estão devidamente descritos, e a proposta de avaliação, além de pouco diversificada, não se alinha de forma clara aos objetivos estabelecidos.

Para que esse plano fosse mais efetivo, o objetivo geral poderia ser: “Analisar os fundamentos da visão socioantropológica da surdez, compreendendo a identidade surda e valorizando a Libras como expressão cultural e linguística”. Os objetivos específicos, por sua vez, poderiam prever: i) identificar as diferenças conceituais entre as visões clínica e socioantropológica da surdez; ii) reconhecer elementos da identidade e cultura surda no contexto educacional; iii) compreender vocabulários em Libras relacionados à temática da surdez e da diferença cultural; e iv) produzir sinalizações em Libras utilizando expressões adequadas ao contexto da visão socioantropológica. A elaboração dos conteúdos poderia ser extraída de um vídeo em Libras<sup>2</sup>, e, além dos conceitos teóricos discutidos, poderia se atentar aos seguintes aspectos gramaticais: números ordinais, pontos referenciais no espaço, composição de palavras, temporalidade em Libras, alfabeto manual, boias, comparativos em Libras.

Na parte dos procedimentos metodológicos, o professor poderia optar por trabalhar esses conteúdos de forma explícita ou implícita. Para Silva (2021), a abordagem explícita é uma eficiente possibilidade pedagógica para a aquisição de elementos linguísticos da LA, uma vez que direciona a atenção do aprendiz, de forma explícita, para diferentes aspectos linguísticos do *input*, promovendo a conscientização sobre as regras e os padrões da língua-alvo. A aplicação do ensino explícito, no entanto, exige atenção por parte do professor para evitar a sobrecarga cognitiva do aprendiz. Como a autora destaca, é fundamental que o ensino seja estruturado e organizado em etapas, como a modelagem, a prática guiada e a prática independente, para que a aprendizagem ocorra de forma gradual e significativa.

Em contrapartida ao ensino explícito, o ensino implícito se caracteriza por uma abordagem mais intuitiva e natural da língua, na qual o aprendiz adquire o conhecimento a partir da exposição à língua em uso, sem a necessidade de explicações gramaticais explícitas. A aprendizagem, pela abordagem implícita, é mais intuitiva e adquirida de forma incidental, manifesta-se através do uso, de modo automático e não verbalizável, ou seja, o conhecimento será adquirido de forma não consciente (Silva, 2021). Nessa abordagem também se faz uso de alguns procedimentos didáticos como a utilização de materiais autênticos, como vídeos e textos em Libras, pois isso permite que o aprendiz tenha contato com a língua em uso real,

<sup>2</sup> LIBRAS - Aula 05 - Visões sobre a surdez: Visão clínica versus visão socioantropológica.

enquanto a explicação de aspectos gramaticais e estruturais da língua pode ser feita de forma pontual e contextualizada, a partir das dúvidas e dificuldades dos aprendizes. Outro aspecto importante a ser considerado é a criação de um ambiente de aprendizagem interativo e significativo, no qual o aprendiz se sinta motivado a usar a língua em situações reais de comunicação. A proposição de atividades em pares ou em pequenos grupos, o uso de jogos e brincadeiras, e a participação em eventos e atividades culturais da comunidade surda são exemplos de estratégias que podem contribuir para uma aprendizagem mais engajada e significativa.

Caso a aula planejada no Quadro 11 transcorresse com base na abordagem implícita, então, os procedimentos metodológicos poderiam ser:

**Quadro 11.** Procedimentos metodológicos para o ensino de Libras como LA na graduação – Abordagem implícita

A aula será conduzida com base em uma abordagem comunicativa e implícita, privilegiando a exposição dos alunos à Libras em uso autêntico e significativo. Para tanto, será utilizado como ponto de partida o vídeo “Visões sobre a surdez: visão clínica *versus* visão socioantropológica”, do professor André Xavier (UNIVESP TV).

**1. Contextualização e sensibilização (20 min)**

A aula terá início com uma breve conversa em Libras sobre experiências pessoais ou representações sociais relacionadas à surdez. Essa troca inicial visa ativar o conhecimento prévio dos alunos e motivar a escuta atenta e engajada durante o vídeo.

**2. Exibição do vídeo (20 min)**

Os alunos assistirão ao vídeo em Libras com atenção voltada para o conteúdo temático, especialmente à comparação entre as visões clínica e socioantropológica da surdez, sem tradução simultânea. Não serão dados avisos prévios sobre elementos gramaticais – o foco será na compreensão global da mensagem.

**3. Atividade em duplas: reconstrução de sentidos (30 min)**

Após a exibição, os alunos se organizam em duplas para reconstruir, em Libras, os principais pontos do vídeo. Eles devem se concentrar em narrar os conceitos abordados, incluindo: aspectos culturais da comunidade surda, representações sociais da surdez e implicações dessas visões na educação.

Durante essa prática, emergirão espontaneamente o uso de referenciais espaciais, comparativos, boias discursivas, temporalidade, entre outros recursos linguísticos – todos explorados de maneira contextual, mas não explicados formalmente.

**4. Atividade em grupos: cena dramatizada (40 min)**

Os grupos receberão pequenas situações-problema inspiradas no conteúdo do vídeo, como:

- Um professor que só compreende a surdez por uma ótica clínica;
- Uma escola que começa a receber alunos surdos e precisa repensar suas práticas.

Cada grupo irá preparar uma breve dramatização em Libras, dando voz a diferentes pontos de vista. Nessas encenações, os alunos aplicarão estruturas linguísticas adequadas de forma funcional, envolvendo composição de sinais, uso do alfabeto manual para nomes próprios, e estruturação de tempo e espaço no discurso.

**5. Atividade individual: gravação de relato (30 min)**

Para consolidar a aprendizagem, cada aluno gravará um pequeno vídeo em Libras contando o que entendeu sobre a visão socioantropológica da surdez. A atividade tem como objetivo avaliar a apropriação dos conteúdos conceituais e a fluência no uso espontâneo da língua.

O foco estará na produção natural da língua e no uso funcional das estruturas aprendidas indiretamente nas etapas anteriores.

**6. Compartilhamento e escuta ativa (20 min)**

Os vídeos serão compartilhados em sala, e os colegas farão perguntas ou comentários em Libras, estimulando a escuta ativa, a interação comunicativa e a construção coletiva de saberes.

Fonte: elaboração própria

Esses exemplos (Quadro 10) visam introduzir o professor iniciante à didática de línguas, e por isso, mais do que saber produzir um plano de aula, é preciso que esse profissional compreenda os pressupostos teóricos da abordagem que adota, saiba selecionar e elaborar

materiais didáticos adequados e seja capaz de criar situações de ensino que favoreçam a interação e a reflexão sobre a língua. Em última instância, conforme propõe Kumaravadevulu (2003), espera-se que o professor exerça plena autonomia, encontre realização pessoal e cultive sua paixão pelo ensino, adaptando suas práticas às condições concretas de seu contexto, tal como prevê a abordagem pós-método.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado refletiu sobre a complexidade e os desafios envolvidos no ensino de Libras como LA. A partir das reflexões advindas da literatura especializada, ficou claro que o planejamento de aulas deve ser bem estruturado e adaptado às especificidades da língua e da cultura surda.

As diretrizes propostas para a elaboração de planos de aula destacaram seus elementos estruturantes: tema, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação. A partir de suas exemplificações, foi sugerida uma abordagem de ensino dinâmico, interativo e contextualizado, que pode ser amparada por abordagens comunicativas, como o EBT. Além disso, enfatizou-se a introdução de aspectos culturais da comunidade surda nas aulas, o que pode ser alcançado por meio da escolha de temas relevantes e da utilização de recursos autênticos, como vídeos e outros recursos.

A análise comparativa realizada com dois planos de aula teve o objetivo de ampliar a discussão, contribuindo para a formação de professores de Libras como LA, especialmente os iniciantes.

O objetivo de apresentar diretrizes pedagógicas para a elaboração de planos de aula no ensino de Libras como LA tem como pano de fundo a promoção de um ensino de qualidade para pessoas ouvintes, uma vez que esses são potenciais interlocutores de pessoas surdas, as quais carecem de uma inclusão eficaz e culturalmente sensível.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, G. F. de C. *Saberes e capacidades necessários à formação docente de surdos professores de Libras como L<sub>2</sub> na graduação: um estudo com o gênero entrevista com especialista*. 2024. 274 f. Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 25 abr. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.
- BERNARDINO, E. L.; PEREIRA, M. C. da C.; PASSOS, R. Estratégias de ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua. *Trama*, [S.l.], v. 14, n. 32, p. 27-39, 2018. Disponível em: [ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO SEGUNDA LÍNGUA | Trama](#). Acesso em: 24 abr. 2025.
- ELLIS, R. The methodology of task-based teaching. *Asian EFL Journal*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 19-45, 2006. Disponível em: <https://www.asian-efl-journal.com/main-editions-new/the-methodology-of-task-based-teaching/index.htm>. [https://www.asian-efljournal.com/September\\_2006\\_EBook\\_editions.pdf](https://www.asian-efljournal.com/September_2006_EBook_editions.pdf). Acesso em: 16 out. 2024.
- ENRICONE, D. et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. 10. ed. Porto Alegre: Sagra, 1985.
- GESSER, A. *Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, A. *Metodologia de ensino em Libras como L<sub>2</sub>*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: [TEXTO MEN L2 - Audrei Gesser - 22-07-2008\\_1](#). Acesso em: 24 abr. 2025.
- GIL, A. C. *Metodologia do ensino superior*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

- KUMARAVADIVELU, B. *Beyond Methods: Macrostrategies for Language teaching*. New Haven; London: Yale University Press, 2003.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Org.). *Tópicos em Linguística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.
- LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas, RS: Educat, 2014. p. 21-48.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOPES, A. A. *O ensino de Língua Brasileira de Sinais – Libras: a ouvintes pela perspectiva da abordagem intercultural*. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ensino: Linguagens e Tecnologias) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, PR, 2022.
- PERLIN, G.T. T.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 24 abr 2025.
- PILETTI, C. *Didática geral*. 24. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- RICHARDS, J. C. *O ensino comunicativo de línguas estrangeiras*. São Paulo: SBS Editora, 2006.
- SILVA, E. F. O planejamento no contexto escolar: pela qualificação do trabalho docente e discente. In: VILLAS BOAS, B. M. de F. (Org.). *Avaliação: interações com o trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Papirus, 2017. p. 25-38.
- SILVA, L. A cognição e os princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes: orientações a professores iniciantes. *Revista Linguagem em Foco*, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 197-218, 2020.
- SILVA, L. O mapeamento espacial e o ensino baseado em tarefas no contexto de Libras como L<sub>2</sub> para ouvintes. *Revista Porta das Letras*, Palmas, Universidade Federal do Tocantins, v. 16, n. 1, p. 249-270, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9797>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- SOUSA, A. N. de et al. Quadro de referência da Libras como L2. *Fórum Linguístico*, [S. l.], v. 17, n. 4, 2020.
- TAKAHASHI, R. T.; FERNANDES, M. de F. P. Plano de aula: conceitos e metodologia. *Acta Paul Enferm. [online]*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 114-118, 2004. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/plano-de-aula-conceitos-e-metodologia/>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- VEIGA, I. P. A. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 10. reimpr. Campinas, SP: Papirus, 2023.
- ZEICHNER, K. M. (Org.). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

### Contribuição dos autores

Patrícia Ramirez foi responsável pela concepção do projeto, pela análise dos dados e participou ativamente da redação do artigo. Lídia da Silva supervisionou a pesquisa, realizou a revisão crítica do manuscrito e elaborou a redação final. Ambas as autoras assumem responsabilidade pela integridade de todos os aspectos do trabalho.